

TRIBUNA AGRICOLA

Batata de Semente | Colheita de batata

Despacho de Sua Excelência o Secretário do Estado do Comércio, de 21 do corrente.

A necessidade de assegurar à agricultura a batata de semente necessária e de proteger a de origem nacional, obrigam a regulamentar anualmente a respectiva importação nos termos do Decreto-Lei n.º 36 665 de 10 de Dezembro de 1947.

Por outro lado e dado o reflexo da batata de Semente importada nas condições de produção da batata de consumo, tem-se seguido as últimas campanhas o critério de restringir a importação das variedades que se consideram altamente perturbadoras do mercado.

É de manter esta orientação para o futuro a possibilidade de estimular a importação das variedades que os Serviços Agrícolas considerem preferíveis.

Nestas condições e para os efeitos dos art.ºs 21.º e

22.º do Decreto-Lei n.º 36 665 de 10 de Dezembro de 1947 é fixado para a campanha de 1963/64 o seguinte regime de importação:

1. É fixado um primeiro contingente de 6.000 toneladas para o conjunto das variedades Arran-Banner, Aran-Consul e Voran.

A quantidade a importar de Arran-Banner não poderá exceder 3.000 toneladas (50%) e a de Voran não poderá exceder 600 toneladas (10%).

2. É fixado um segundo contingente de 5.000 toneladas das mesmas variedades e nas mesmas percentagens, a utilizar só depois do primeiro contingente.

3. É livre a importação das variedades restantes, desde que estejam incluídas na lista a que se refere o art. 20.º do Decreto-Lei n.º 36 665, de 10 de De-

zembro de 1947.

4. As cooperativas de batata de semente poderão importar sem restrições quaisquer variedades quando estas se destinem a multiplicação.

5. As organizações da lavoura poderão importar quantidades adicionais da variedade Voran quando a sua plantação tenha sido objecto de contratos firmados com a indústria de amido.

6. O primeiro contingente será dividido em partes iguais entre os comerciantes importadores e os Grémios da Lavoura. O rateio destas duas partes será estabelecido pela Junta Na-

7. O segundo contingente será dividido em partes proporcionais às quantidades importadas, por cada comerciante importador ou Grémio da Lavoura, das variedades de importação livre, referidas no n.º 3.º deste despacho.

Concentrada de Tomate

Segundo notícia publicada no Fundexport os contratos firmados até à data entre os importadores ingleses e industriais italianos de concentrados de tomate são de escassa importância, uma vez que estes não só não assumiram em grande parte novos compromissos, como parecem até estar em dificuldades para cumprir os já tomados.

Nos limitados contratos estabelecidos as cotações foram da ordem das 85/95 libras esterlinas a tonelada FOB.

A mercadoria espanhola foi oferecida de início na base de 82/84 libras a ton. FOB embora estes preços pareçam ter tendência a aumentar.

batata

Em virtude de terem sido anormalmente elevadas as colheitas de batata nos principais países produtores da Europa Ocidental os preços desceram este ano a níveis baixíssimos podendo classificar-se de alarmante a situação do mercado europeu.

Estimativas para a Alemanha indicam mais 300 mil toneladas do que no ano passado, verificando-se percentagem de aumento igual para a Inglaterra e País de Gales. Na França e Bélgica há a registar também enorme produção. Anesar das primeiras es-

timativas oficiais não se apresentarem muito precisas tudo leva a crer que as colheitas médias e finais também se apresentem valores superiores aos registados nos últimos anos.

Entre as medidas tomadas pelos diferentes países produtores, há que destacar o fomento da exportação. Como porém as possibilidades de escoamento para a Europa Ocidental se anteveem muito limitadas, só as vendas para países ultramarinos parecem apresentar alguma viabilidade.

adubos orgânicos

Farinha de Sangue

A farinha de sangue é um adubo orgânico empregado desde há muito tempo. Como se sabe o sangue é proveniente dos matadouros onde se abate o gado para consumo, sendo apresentado no comércio seco e farinado.

Farinha de cornos torrados

A percentagem de azoto nestas substâncias, é menor 7 a 9%, exigindo-se como mínimo de percentagem 6%. A farinha de cornos torrados é um adubo de ação muito lenta.

Lixo da cidade e lama dos esgotos

Os lixos provenientes dos centros urbanos e as lamas dos esgotos representam duas importantes fontes de matérias orgânicas, desde que a sua recuperação se faça por processos convenientes.

Resíduos de Lã

Os resíduos de lã têm também uma ação muito lenta. Contém cerca de 2 a 9% de azoto. Os seus efeitos podem tornar-se muito rápidos.

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
AMODELAR**

Telefone 62113

Amares

TRIBUNA do CONCELHO

EXEMPLO

(Continuação da 1.ª Página)

plos convencem mais do que as palavras, que os exemplos são palavras vivas, que facilmente persuadimos, se fazemos o que aconselhamos, ou se considerarmos como Séneca: «É longa a estrada dos preceitos mas a dos exemplos é breve e mais segura».

«Quando há transgressões de leis e de costumes, de incivilidades, de completa anarquia moral, tudo se dissolve na simplista opinião das massas. Os direitos devem ser iguais». «O que os outros fazem, também eu faço», — ouve-se dizer. E nesse estado de confusão, quando mais necessários são os heróis do dever para encantar, para apaixonar, para inspirar o povo, menos os encontramos. Os poucos que existem, têm receio de se expor. Os heróis da dignidade, os barões de Plutarco, devem aparecer todos sem demora, porque já atingimos o máximo na válvula da tolerância. Tem-se visto tantos desfalcões, tanta roubalheira, tanta mentira, tanta desfaçatez, que se tem a impressão de que existem poucos homens dignos da terra.

O Povo, em matéria de respeito à lei, olha sempre para cima, do mesmo modo

que em questões de civismo e de patriotismo. Do alto vêm a inspiração e a convicção do que é legal ou ilegal, honesto ou desonesto, patriótico ou impatriótico. Massillon disse: as multidões têm uma só lei; o exemplo dos que governam. Em tais circunstâncias, proclamamos a eficácia do remédio moral do exemplo: O bom exemplo dispõe as almas ao bem: dele emana uma força animadora e salutar; produz um ambiente melhor de pureza e de força, no dizer de Lebrun.

Fluma era assim dissoluta, é fácil o perigo das contaminações em massa.

Os que pretendem escapar a pandemia devem-se apegar, mais do que nunca, ao seu ideal emulativo, ao seu modelo e guia espiritual que deverá ser alguém que mais nos tem influenciado pela razão e pelo coração, entidade de que tenha vivido e sofrido, passado pelas vicissitudes impostas pela sociedade.

Melhorar o meio social pelos bons exemplos é, pois, a primeira e principal obrigação dos homens verdadeiramente de élite.

LEIA E ASSINE O Jornal Feminino

Câmara Municipal DO CONCELHO DE AMARES

EDITAL

Carlos Joaquim Rebelo da Silva Malheiros, Presidente da Câmara Municipal de Amares:

Faço Público, nos termos do § 1.º do Art. 16.º do Código Administrativo, que, por meio deste e outros de igual teor, FICAM CONVOCADOS TODOS OS PRESIDENTES das Juntas de Freguesia deste concelho, eleitos para o quadriénio de 1964-1967, para comparecerem no dia 23 de Novembro corrente, pelas DEZ HORAS, na Sala das Reuniões da Câmara Municipal de Amares a fim de tomarem parte na eleição dos representantes no Conselho Municipal.

E para constar se lavrou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais públicos do custume.

E eu, José Alves Coelho de Azevedo, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Paços do Concelho de Amares, 16 de Novembro de 1963.

O Presidente da Câmara
Carlos Joaquim Rebelo da Silva Malheiros

Salários mínimos

(Continuação da 1.ª página)

o patronato pudesse demonstrar a sua solidariedade com a política do governo.

Certa a intenção. Infelizmente, porém, nesta actividade de que estamos falando não houve um só empregado que recebesse mil e seiscentos escudos. Todos — mas todos — no fim de cada mês recebiam o decretado mínimo.

Anos volvidos ainda é preciso legislar, como agora aconteceu, salários mínimos para aquelas actividades menores. Foi o que o ilustre titular das Corporações se obrigou a fazer, com princípio em Janeiro do próximo ano.

Cremos que Sua Excelência, olhando o problema com aquela acuidade tão necessária, deveria ter proferido, intimamente, este desabafo: é incrível.

É, não há dúvida. Mas a verdade afi fica.

Militão Porto

**Leia, Assine
Publique na
«Tribuna Livre»**

Militão Porto

**Leia, Assine
Publique na
«Tribuna Livre»**

Homenagem

ao Dr. José Cotta

PROGRAMA

O programa da homenagem a prestar ao Exmo. Senhor Dr. José Cotta, no próximo dia 16 deste mês.

A's 16.30 — Descerramento de uma fotografia no Sindicato Nacional dos Caixeiros (Secção de Guimarães).

As 17.30 — Recepção e cumprimentos no Salão Nobre do Grémio do Comércio de Guimarães.

As 19 — Missa de Acção de Graças, na Igreja de S. Domingos.

As 20.30 — Banquete de homenagem, no restaurante Jordão, em Guimarães.

BARREIROS

Ventos soprados do norte e do norte fizeram com que nesta freguesia se esbucasse uma pequena agitação com respeito à Casa do Povo.

Pretondiz-se cubotituir o governo daquele organismo metendo lá os indivíduos que têm a ambição de mandar e que obedecem aos ventos que vêm de fora.

Foram infelizes nas sondagens feitas e devem ter compreendido que o povo não vai nesses ventos o que os levou a desistir com certa vergonha.

São tão bons como o que queria a fusão dos organismos e agora deitam as culpas de uns para os outros.

Digamos como a Messias: «perdoai-lhes Pai que eles não sabem o que fazem»... nem os que os mandam fazer.

A Psicose Policial

(Continuação da 1.ª página)

que será um deles. Metódicamente estudado, avaliados os pró e os contras, a sua estruturação foi algo de diabólicamente concebida, a fim de produzir o mínimo de probabilidades no encontro da verdade.

Isto, o que pode encontrar-se no limite de uma literatura, cinema e o mais que ao diante se verá acerca do instinto policial que avassala a maior parte dos que pensam divertir-se através de tão imprópria questão educacional.

Há que rever toda a gama de expectáculos e de livros de tal natureza, uma vez que estes, fora de contribuirem para o horror ao crime — sua função primacial — parece antes favorecerem a execução.

M.P.

Os novos Almorávidas

Passei o meu fim-de-semana, relendo a monumental obra — em dois grossos volumes — do eminentíssimo D. Ramon Menéndez Pidal, «La España del Cid»: é uma leitura extraordinariamente útil — por muito insólita que a afirmação pareça — a quem quiser entender as verdadeiras razões do profundo antagonista que opõe Nasser e Ben Bella ao jovem Rei Hassan do Marrocos.

Assim como os almorávidas do século XI viam nas rivalidades em que se encontravam os reis de taifas a principal explicação para os

sucessivos êxitos das armas cristãs na Península Ibérica, assim os ditadores socialistas de Argel e do Cairo vêm nas últimas monarquias islamitas — as do Marrocos, da Líbia, da Arábia Saudita e da Jordânia — o grande empêço para a conversão total do Islam à cartilha de Karl Marx.

Nos confins do Marrocos, rotas em breve as precárias tréguas de Bamako, não tardarão, pois, a recomeçar as hostilidades, apoiadas ou não por alguma revolta interna.

Já mesmo se fala de navios de guerra egípcios encorados em portos argelinos, de tropas egípcias desembarcadas na Argélia, de aviões egípcios a sobrevoarem os territórios marroquinos da fronteira: tudo indica, portanto, que Nasser, depois de haver derrubado, em Sana, o trono dos iemenitas, vai agora, de parceria com Ben Bella, tentar, por todos os meios, deitar por terra, em Rabat, o trono do soberano alauita.

Para a empresa contam, evidentemente, os dois ditadores com o apoio das grandes potências marxistas: a Rússia e a China — como se ainda caminhassem ambas de mãos dadas — já anunciaram em alto e bom som que vão mandar munições e armas para a Argélia, e abrir, ao mesmo tempo, largos créditos a favor de Ben Bella — mais largos, por sinal, os anunciados pela China...

Quanto ao Ocidente — ou para não desagradar aos dois ditadores norte-africanos, que nem por isso o têm poupadão a agravos e afrontas, ou no receio de que a opinião pública internacional o julgasse insuficiente progressista, ao vê-lo acudir a uma velha monarquia, que os inimigos acomodam de feudal — continua de braços cruzados, como se no mundo de hoje fosse possível a alguém manter-se neutral perante qualquer conflito, mesmo que tenha este por teatro o longínquo deserto Gobi, as ilhas da Polinésia ou as nascentes do Amazonas...

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00
Semestre 25\$00

Ilhas

Avião — ano 50\$00
Semestre 75\$00
Barco — ano 60\$00
Semestre 30\$00

Brasil

Avião — ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco — ano 80\$00
Semestre 40\$00

Estrangeiro

Avião — ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco — ano 80\$00
Semestre 40\$00

Alfredo Vieira

Em sua casa de morada, sita na freguesia de Amares, faleceu o sr. Alfredo Vieira, mestre muito conhecido no nosso meio.

Muito querido e estimado pela sua vida de trabalho e de dedicação à família, a sua morte foi muito sentida por todos que o conheciam.

A família enlutada apresenta as nossas condolências.

Terras do Bouro no espírito de

Manuel A. Barreto Marques

AS CASAS DO PVO

As Casas do Povo são Instituições rurais, que surgiram no meio dos Povos com fins especificamente úteis e benéficos; com objectividade de expandir, nesses meios, a união, a concórdia, o interesse comum e local, o progresso, a moral e o civismo; com o fim de reorganizar e elevar o nobre Escol Rural, ancestralmente tão altivo, expansivo e digno, e actualmente tão desprezado e esquecido!...; enfim, para elevar, superiorizar e dignificar em Povo e, com ele, todos os seus mais lídios e impolitos ideais e costumes, genuinamente Portugueses; para remediar e exterminar males, misérias, desgraças; para aliviar sofrimentos, curar doenças, e dar inteiro amparo aos desgraçados e abandonados da sorte. E então, dentro destes princípios basilares, fundamentais e legislativos, tal e qual o pensamento e a doutrina do Mestre Legislador, a Casa do Povo seria, como de facto devia ser, o verdadeiro *Anjo Custódio*, celestialmente adejando sobre uma Região, como que incomparável graça concedida pela Divina Próvidencia. Porém... a verdade é que os actos e os factos vistos, apreciados e analisados pelos seus prismas verdadeiros e reais, dão-nos resultados absoluta e miseravelmente retrógrados e falhos, e quase sempre de grande perniciosa para o meio onde são praticados. E, muito embora com sentida e profunda mágoa e desilusão, somos obrigados, infelizmente, a reconhecer que, títulos as Casas do Povo, como os Grémios da Lavoura, são *abertos corporativos*, unicamente porque nasceram às avessas: — criaram-se as instituições e colocaram-se à sua frente pessoas incompetentes, sem prévia preparação apropriada e condigna e, pior que tudo isso, pessoas sem interesse corporativista, sem conhecimento da causa e do interesse comum, prevalecendo apenas o interesse pelos escudos que recebem ao fim do mês.

Isto são os tais actos e factos que não admitem contradição. Pois bem, mesmo assim, e em face deste infinidade de defeitos, desinteresses e muitas vezes irregularidades actualizadas, não é caso para desânimos: — o mal deve ser curado e extirpado por natureza, urgentemente. Importa caminhar sempre para diante, mas com a cabeça levantada e a cara descoberta. E é necessário que todos esses erros e defeito já passados sirvam de precaução e incentivo para dar início a uma vida nova...

A Casa do Povo e o Grémio da Lavoura devem ser exuberantes *viveiros* de benefícios e interesses para todos os seus associados — e não para o povo da casa, como muito justa e acertadamente afirma o nosso humilde mas muito digno e honrado agricultor.

Esses Organismos têm que ser sólida alavanca que de futuro há-de salvar e levantar a Lavoura Portuguesa, aliando-a e afastando-a da ruína e do flagelo em que actualmente se encontra.

Se estas tentativas falharem, então a nossa Lavoura está irremediavelmente queimada, e chegou ao término da sua história.

Os Homens têm que despertar da profunda inércia em que apatizaram, atirando para a fossa, todo o lixo... espesinhando de uma vez para sempre a hipocrisia, os respeitos humanos e tudo o mais que porventura possa empecilhar o progresso e o engrandecimento de um Povo.

O interesse é geral e apresenta-se comum a todos os Homens e a todas as classes. Todos temos que reagir; todos temos que dar manifestações claras provas de interesse; a todos se impõe o direito, o dever e a obrigação de estudar, pensar e expor corajosamente, enfrentando as lídias ambicões da sua Região. E todos, conduzidos pela verdadeira e sólida união e concórdia, temos que pelejar, o mais acertadamente possível, pela dos Homens que devem formar os Corpos Gerentes de Cada Organismo.

A Sede de uma Casa do Povo, principalmente quando definitiva, deve merecer a máxima atenção, estudo ponderado e escrupuloso, honestidade e sinceridade, para que todos os seus associados possam gozar, amplamente e em geral, dos mesmos benefícios, direitos e regalias, colocando sempre em primeiro plano os interesses daqueles Povos mais afastados dos meios centrais — aqueles infelizes que vivem uma vida inteira mais abandonados e desprezados, sem meios de comunicação, caminhando por caminhos escabrosos, impróprios para o transporte de bestas, — mas que geralmente são sempre os mais pontuais na liquidação das suas quotas. Logo, à face da Justiça, da Honra e do Dever, a Sede da Casa do Povo tem que ser instalada no ponto mais central da freguesia ou das freguesias que dela façam parte integrante; mas sempre com manifesta tendência a aproximar-se dos lugares mais distantes e espalhados pelo meio das serranias, fálicos de meios de comunicação.

Se pudesse, eu desejava, fervorosamente, apresentar aqui uma Casa do Povo que pudesse servir de protótipo a todas as outras.

Porém, tal desejo é infundado e impossível de encontrar. Porquê?...

— São tantas e tão variadas as causas, que inumerá-las seria tarefa quase impossível e daria matéria mais que suficiente para se escrever um volumoso livro...

Verifica-se, no entanto, que a *boceta de pandra* é quase sempre e em tudo, actualmente, a mesma: — efeitos de generativos e corrocivos da última guerra; falsos e deletérios ideais imigratórios; desprezo lançando à nobreza portuguesa; perda dos elites; afrouxamento dos impolitos sentimentos e veneráveis crenças religiosas, tradicionais do País; ataque desenfreado e aguerrido ao transcendente Amor Familiar; pér-fido, pavoroso e dissoluto desenvolvimento e expansão escandalosa e desmoralizada dos trajes e dos costumes.

A genuina Raça e os Homens... abandonaram-se; as mulheres perderam a honra, a dignidade, o pudor... e desempenharam pelas ruas o ridículo papel de *espantos humanos!*...

A armadilha, embora ardilosamente dissimulada, está bem patente na acção infrenata, perniciosa e desmoralizadora empreendida, desde há muitos anos, pelo liberalismo maçónico.

Outrora, as Famílias típicas e genuinamente Portuguesas (porque as havia, e muitas), tinham coragem, ânimo e força bastantes para enfrentar essa avassaladora e destrutiva onda dispersada pelas lojas da maçonaria. E então essas Famílias e a sua alta e intrépida nobreza, onde passaram?!

— ...as ideias deletérias... tudo levaram!!!.

Eis a razão por que hoje, quando se sente a imperiosa necessidade de pôr a honra, a dignidade, o interesse mútuo, a caridade e a imposta filantropia à prova e nos seus devidos e humanos lugares, como esteios inquebrantáveis, levantados em terra sólida e firme, ocorre logo, de boca em boca, a desoladora e agourenta resposta: — *não temos Homens!*... Essa afirmação é, de facto, uma realidade: — os bons Homens não querem trabalhos nem responsabilidades. E claro está que aparece sempre um ou outro individual lampeiramente a oferecer às entidades superiores os seus relevantes e valiosos serviços (...), esses lobos com peles e aspectos de mansos e humildes cordeiros, como nos apontou o Divino Mestre. E os honra-

Recomeça o Batuque

Portugal a ceder...

Entre as delegações mais exaltadas destacaram-se ao que parece, as da Argélia, do Egito, do Tanganica, e da República de Leopoldville; acusavam os representantes do Tanganica o Governo Português de estar a preparar uma revolução em Dar-Es-Salam contra o regime (mais ou menos ditatorial) ali estabelecido pelo inefável e democratíssimo sr. Nyerere, enquanto os de Leopoldville afirmavam, por seu turno, que as autoridades portuguesas se propunham obstruir o canal de Santo António do Zaire, fechando assim o acesso ao porto fluvial de Matadi.

É evidente que Portugal, desejoso de manter em paz e em ordem os seus territórios ultramarinos, interesse algum teria em promover ou provocar a desordem em casa do vizinho, pois ninguém ignorava que a desordem, como a gripe, se comunica por contágio.

Quanto à acusação lançada pelos de Leopoldville, ainda mais fantasiosa e absurda se afiguraria aos olhos de toda a pessoa de bom senso. No dia em que efectivamente o Governo português quisera exercer represálias pelo sistemático apoio concedido pelo Governo do sr. Adula às hordas de Roberto (ainda não há uma semana a Imprensa internacional anunciou ter do acampamento congolês de Thysville partido, para se infiltrar em Angola, uma nova leva de

Continua na 5.a página

dos, dignos e honestos Homens de bem, cruzam os braços, ficam em casa e... lá se vão entretendo, como que ruminando o rotineiro pensamento: — *se os outros homens não foram capazes de indireitar isto... para que hei-de eu estar a incomodar-me com os interesses comuns?*... E então as rédeas dos comandos caem desastrosa e miseravelmente nas mãos dos tais indivíduos que têm sempre como principal ponto de mira a expansão absoluta de todos os seus interesses particulares: — colocação das pessoas de família, passeios à custa da Organização no seu carro particular, angariamento de água e luz para perto das suas propriedades, aplicação de desperdiços madeiras, etc., etc....

Este é o protótipo, bem manifesto e principal *interesse corporativo* (...) posto publicamente à prova por um dos componentes dos corpos gerentes da Casa do Povo da Ribeira, em troca da benéfica (...) oferta de uns metros de terreno para nele

se edificar a sede da casa do Povo. Mas, como o Povo das três freguesias nem todo está a dormir, e todos conhecem muito bem as camufladas intenções dessa alma caritativa... teremos que pôr as coisas claras e nos seus devidos lugares: — *A sede da Casa do Povo da Ribeira terá que ser construída (quando o for) e instalada no ponto mais central das três freguesias: — na Ribeira, e só na Ribeira, junto à Igreja. Aí é que é o verdadeiro centro e o ponto mais acessível aos povos dessas localidades. Afastá-la daí, é atentar contra a vontade do Poró, contra a Justiça, contra o direito e contra a Verdade.*

Quem escreve estas linhas fala com experiência própria e com suficiente prova de exercício e funcionamento de uma Casa do Povo, tal e qual é deve ser; e é também (não se esqueçam) em puro e arreigado corporativista. Mas devesse, ardente, ver as coisas no seu devido lugar. Manuel A. B. Marques

Roberto Anti-Medieval

Acabo de ler num papel de propaganda do Irmão Roberto — intitula-se agora assim *Irmão Roberto* o sinistro Holden Roberto, que dirige os terroristas contra Angola — acabo de ler, nesse papel de propaganda escrito em francês e distribuído por Leopoldville, além de outras coisas saborosas que determinada personalidade portuguesa — de quem Roberto não gosta — é um homem que se conserva *aferado aos mitos medievais*.

Que entenderá a sanguinária criatura por mitos medievais? Que saberá do que foi a Idade Média, dos seus problemas, da sua actividade, da sua cultura, do seu contributo para o progresso da Humanidade?

Creio que são (ou têm sido) os americanos quem mais se diverte com o período de dez séculos que foi o da Idade Média na Europa. Os americanos-massa, os americanos-multidão, os americanos-cidadãos eleitores, evidentemente; e não os americanos estudosos da História, que sabem ler os livros e meditar nas razões sérias das coisas. O gozo passou para outros povos, inclusivamente europeus — para as tais massas que não tem possibilidades, nem condições, nem tempo, nem disposição de espírito para estudar todas as coisas, e portanto se limitam a julgar pelas aparências a julgar pelos títulos, pelos *slogans*, ou pelas anedotas. Não admira que o Irmão Roberto, que foi discípulo dos americanos, numa missão protestante americana do Congo Belga, tenha sido contaminado.

Em todo o caso, não deixa de ser pitoresca a condenação feita pelo chefe dos terroristas. Quando em princípio de 1961 os terroristas iniciaram, no Norte de Angola, por ordem de Roberto, a matança sistemática de brancos — homens, mulheres e crianças — numa verdadeira alucinação de sangue, eram dirigidos por drogas que os excitavam e por feiticeiros que lhes vendiam amuletos contra as balas dos brancos.

Convenciam-nos de que, para os portadores de tais amuletos, as balas dos brancos transformavam-se em água. Derrubá-los-ia, sim, para daí a horas se levantarem ilesos. Umas vezes o amuleto era pendurado ao pescoço, outras vezes um simples pedaço de pau atraçado na boca. E eles avançavam, a gritar: *água! água!* talvez para se lembrarem uns aos outros da fraqueza das balas inimigas. E nem à vista do sangue se convenciam de que havia morte. Para aqueles sequazes do anti-medieval era preciso ver as cabeças cortadas para se convencerem da morte...

Entre os mesmos sequazes se têm revelado casos de ca-

nibalismo, prática de que as nossas autoridades administrativas tinham desde há muito verificado o desaparecimento. Pois renasceu com os anti-medievalistas e precisamente por sua instigação. O facto já foi demonstrado perante a justiça.

No ano passado, tive conhecimento do caso em determinada região do Norte de Angola. Alguns pretos acusavam certos indivíduos de terem comido esta ou aquela pessoa, frequentemente crianças, uma ou outra nascitura. Admiti que se tratasse de alguma forma de expressão da linguagem figurativa dos negros, que confundisse um acto simbólico, ou um simples voto de malefício — tão vulgares, aliás, em todos os níveis de civilização — com a prática real de um crime. Consultei velhos e novos funcionários administrativos, comerciantes e fezendeiros, até missionários. Não sabiam, naquelas regiões que eles conhecem a palma, da existência de tais hábitos.

Pois este ano tive de reconhecer, naquela mesma região de Angola — perante as declarações claramente feitas pelos próprios criminosos e pelas testemunhas — que os anti-medievalistas tinham aproveitado antigas práticas de selvegeria, há muito extintas pelas autoridades do nosso medievalismo, para manter o terror entre populações autóctones. Digo o terror, e não exagero, porque as populações que ainda não se apresentaram às autoridades militares é simplesmente por medo. Um dos lugares-tenentes do Irmão Roberto, chamado Simão Lucas, é um criminoso louco, com poder discricionário de vida e de morte sobre aqueles que o cercam. Tem à sua volta um linha múltipla de vigilância, que lhe tem valido, até agora, escapar à perseguição. Já tem sucedido a tropa dirigir-se ao local onde tem a certeza de ele se haver acoitado — mas chegar lá horas depois de Simão Lucas ter fugido. Desconfia de todos e mata por capricho, ou por birra. Olha para um dos seus adeptos e repara:

— Tu estás magro. Deves andar a pensar em fugir para os brancos.

E manda-lhe cortar a cabeça.

Depois encara com outro: — Andas gordo. Estás a trair-me com certeza. Matem-no.

Às vezes pergunta ao desgraçado a quem condenou à morte:

— Preferes ser enforcado ou que te cortem a cabeça?

E depois manda executar a sentença precisamente da maneira diferente da escolhida pelo desgraçado.

É assim o anti-medievalismo do Irmão Roberto e dos seus amigos.

Nós sabemos que as ideias

denegradoras da Idade-Média europeia — se ideias se pode chamar a propósito das palavras do cabecilha terrorista — foram importadas precisamente do que chamamos o Mundo Ocidental. Pode mos explicar melhor: das ignorâncias do Mundo Ocidental, que suporta agora as consequências dos males que exportou.

O escritor inglês Chesterton conta num dos seus livros a história estranha de um bibliotecário, que casou na Idade Média e não conseguiu sair de lá. Trata-se de um romance, que tem por cenário principal um castelo inglês — talvez um castelo na Escócia, não me lembro bem. Personagens, entre outras: um velho *lord*, riquíssimo, proprietário de minas de carvão; a filha do *lord*, com simpatias sentimentais por um dirigente sindical socialista; o dito dirigente sindical, que é novo, romântico, simpático e barbudo; e o bibliotecário do castelo, homem corpulento, míope, extremamente estudoso e do mais rigoroso escrúpulo intelectual.

Ora sucedeu que a filha do *lord* teve o capricho de fazer representar uma peça, cuja ação exigia determinada figura medieval. Para interpretar a personagem não havia ninguém disponível, senão o bibliotecário. Intimado a representar o papel, começou por reagir, mas tanto insistiram, que se convenceu. E como era um homem muito escrupuloso, deitou as estantes abaixo e leu tudo quanto lá havia sobre Idade Média, para se compenetrar bem da personagem. Resultado: de tal modo se integrou na Idade Média, que não conseguiu sair daquela época. A sua maneira de pensar, de sentir, de apreciar o mundo, de tratar com os homens e, até, a sua maneira de vestir passaram a ser as de um homem da Idade Média. Era ridículo, sem dúvida, aquele homenzarrão, vestido de escudeiro ou de págem, entre gente do século XX, nas salas electrificadas de um castelo inglês — mas não era possível mais profunda compreensão de uma alma.

Ora sucedeu um dia levantar-se uma discussão de natureza social, ou económico-social, entre os interesses do *lord* e os dos operários representados pelo dirigente barbudo e romântico. Foi chamado a intervir na contenda o bibliotecário (sempre vestido à Idade Média) e, com espanto de todos, o homem que tinha mergulhado naquela época longínqua e que pensava à maneira medieval, esse homem que simboliza na obra a própria alma da Idade Média, concordava com o dirigente operário contra os interesses do *lord* capitalista. Para quem conheça a História, isto não

RECOMEÇA O BATUQUE

(Continuação da 5.ª página)

2.000 terroristas) nesse dia os meios a que se recorrerá de certo serão outros e muito mais eficazes do que o simples bloqueio do porto de Matadi.

Poderão as autoridades portuguesas começar por proibir todas as exportações de Angola para o Congo — e hoje o Congo, que no tempo dos belgas era grande produtor e exportador de oleaginosas, até óleo de palma já importa de Angola...

Seguidamente, poderá o Governo de Lisboa oconselhar, nada mais do que aconselhar os milhares de industriais e comerciantes portugueses estabelecidos no Congo a abandonarem esse país: tanto bastará para que logo encerrem as suas portas numerosas fábricas e talvez 50 por cento dos estabelecimentos comerciais de Leopoldville e das outras cidades congolezas — e para que no Congo a estatística dos desempregados suba em vertiginoso ritmo...

Por último, fechados aos

surpreende: é mesmo assim. O que parece antigo e morto é, muitas vezes, vivo e permanente.

Curioso é verificar que no próprio *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, a Idade Média é apontada como um período de ideais, contraposto à época interesseira do apogeu capitalista. O que não obsta a que nos seus papéis de propaganda os comunistas tenham a mesma linguagem do terrorista Roberto. Nem admira: quais são os comunistas que tiveram lido o *Manifesto* e pensado alguns minutos sobre ele?

É claro que seria preciso muito tempo para explicar o que é a Idade Média, com os seus ideais; com a sua altura espiritual; com as suas concepções de paz, e de beleza; com as suas noções de solidariedade (ao mesmo tempo, de fraternidade e de hierarquia); com a sua arte, que deu o esplendor ascensional das catedrais góticas; com a sua literatura, que nos deu a Divina comédia do Dante; com a sua filosofia, que nos deu a Summa de S. Tomaz de Aquino; com a sua Política, que nos deixou o sentido verdadeiro da liberdade e a estruturação das Nações modernas. Há bibliotecas inteiras a ensinar o que é essa época. Temos em português por sinal, entre outros, um excelente livro do Professor Gonçalves Cerejeira, com lições que proferiu na Faculdade de Letras de Coimbra. É um livro que não perdeu actualidade, apesar de estar já perto dos quarenta anos.

Não tenho tempo nem me compete a mim tratar da assunto. Sou um simples comentador do dia a dia, que se perdeu hoje atrás de uma frase feita do terrorista Roberto. Desculpem. — ANI

minérios da Catanga e às mercadorias destinadas ao Congo os portos portugueses do Lubito e da Beira, 60 por cento da produção das minas catangueiras ficariam privadas de escoadoiro para o mar e as esfomeadas populações congolezas sem o milho (por sinal que infestado de gorgulho) com que os norte-americanos estão a acudir-lhes...

Nunca em Portugal, que saímos, alguém falou em bloquear a foz do Zaire. Se acaso não estamos em erro, foi um jornalista francês, Benazete, quem, numa das suas crónicas de «L'Aurore», referiu, entre outras de possíveis represálias, essa hipótese. Mas o Governo português não pode ser, com certeza, responsabilizado pelo que escreve, em Paris, um jornalista francês, por muito amigo que esse jornalista seja de Portugal.

O que, todavia, sucedeu naquela reunião à porta fechada foi o que invariavelmente sucede, sempre que se defrontam exaltados e moderados. Estes acabaram por vacilar — e tudo se concluiu por uma fórmula de compromisso: não se declara — no comunicado pelos africanos distribuído — que não voltará a haver conversações directas com os portugueses; acentua-se, porém, que «tal possibilidade» ficará a depender agora do critério da Organização da Unidade Africana, o que representa um xeque (já não direi: um golpe de preto) para U Thant em pessoa e para a própria Organização das Nações Unidas.

A ONU fica a ser assim, para os africanos, apenas uma tribuna de propaganda (um chocalho — e nada mais) uma vez que da OUA, e não da escarneida ONU, é que dependerá a escoha da oportunidade para quaisquer futuras trocas de impressões com o Governo de Lisboa. Entretanto, minhas senhoras e meus senhores, no aeróporto do East River o batuque antiportuguês vai recomeçar imediatamente. É entrar, é entrar... O já famoso desfile de peticionários principia dentro de momentos. É entrar, é entrar... — ANI

AGRICULTURA

Continuação da 1.ª página

querem que estes liquidem as suas contas nos Grémios da Lavoura até Novembro se os não deixam transacionar o vinho que é presentemente o único produto remunerador em pequena escala, e nem sempre isso sucede? Julgo que tenha passado despercebido este facto que não poderá deixar de ser resolvido com a maior brevidade para benefício deles e notem bem que até nosso, pois que são eles o nosso braço direito. Creio bem que brevemente será solucionado por quem de direito, aliviando assim em parte a situação afliativa do lavrador, — L. A. G.

DESPORTOS

Golos em dúvida

Os adeptos do Benfica andavam ultimamente desgostosos: a equipa jogava mal, não acertava uma das suas exibições de categoria, embora fosse marcando os golos com que ganhava os encontros e mantinha o lugar na classificação.

Uma torneira de pinga—assim definiu a linha avançada do Benfica um dos cronistas desportivos portugueses.

Talvez para mostrar aos adeptos o valor de que se reveste a marcação dos golos, a linha de ataque benfiquista decidiu agora fazer o contrário: dar uma exibição «em cheio», com dezenas de oportunidades criadas, e marcar apenas os golos que «era impossível» evitar.

No encontro da primeira «mão» da segunda eliminatória da Taça dos Campeões Europeus, disputado em Lisboa contra o Borussia de Dortmund, campeão do último torneio realizado na Alemanha pelos antigos métodos—quatro zonas que davam elementos para o torneio final—teve o Benfica mais de uma dúzia de possibilidades de golo e sete foram tão claramente escandalosas que duas deram golos e as outras cinco morreram na madeira das balisas.

Dias antes registara-se o caso inédito de um encontro ser dado por findo antes do tempo regulamentar, exactamente por ter caído um poste de balisa. Pergunta-se agora como foi possível não cair a balisa do Borussia, sujeita a tal bombardeamento...

Como resultado os dois golos do Benfica, a que os alemães responderam com um tento, não são tranquilizadores para os campeões portugueses, pois os alemães poderão, na sua terra, anular com facilidade a desvantagem de um golo.

Como exibição, porém, este jogo de Lisboa parece ter dado finalmente aos jogadores e adeptos do Benfica confiança nas possibilidades totais da sua equipa, que no relvado do seu estádio, o campo da Luz, saíram nobre do futebol europeu, voltou a deixar o perfume de uma facilidade de movimentos cheia de intenções e de uma força de vontade, a que a equipa ultimamente era estranha.

Voltou o Benfica, realmente, a jogar à Benfica. E só os golos faltaram para sublinhar uma superioridade jamaisposta em dúvida e que teve no pequeno e azouga-

do «extremo» Simões o melhor expoente.

A turma lisboeta apresentou-se com alguns jogadores que regressavam, depois de períodos de afastamento por motivos vários: Cavém, Coluna, Eusébio e Cruz, para mencionar apenas aqueles que constituem a trave mestra do futebol benfiquista.

Como estreia na turma principal, Luciano, no posto que tornou famoso Germano, e Serafim, um «indiscutível» que esta temporada ingressou no Benfica.

Teve o encontro uma fase inicial de grande exibição dos campeões portugueses, que expuseram a sua teoria própria de futebol rápido, ligado, fulminante—fase que durou enquanto duraram as esperanças de mais golos. Depois à medida que os remates se perdiam, a turma desceu de rendimento e as exibições individuais, que haviam chegado a ser brilhantes, reduziram-se às proporções de simples vulgaridade—com a única excepção de Simões, que manteve até ao último minuto a mesma força de vontade, o mesmo interesse pelo jogo.

Para o desafio da segunda «mão», em Dortmund parte o Benfica com pequena vantagem e grandes esperanças. Se é certo que o avanço de um golo pode sempre perder-se, até sem necessidade de se estar a ser dominado, também é certo que a forma como os lisboetas jogaram na primeira «mão» permite-lhe todas as esperanças: basta que a madeira da balisa não esteja tanta vez na linha do remate...

Terminou a fase de apuramento do torneio de abertura de râguebi

No estádio Universitário de Lisboa disputaram-se os jogos da última jornada da fase de apuramento do Torneio de Abertura de Râguebi, para disputa da «Taça Francisco Silva».

Os resultados foram os seguintes:

Série A: Benfica (B)-Belenenses (B) 12-3.

Série B: Sporting-Cdul (B) 26-3; Benfica (A)-Belenenses (A), 8-3.

A classificação da primeira série é comandada pelo CDUL (A) e a segunda pelo Benfica (A).

A Jornada de Surpresas

Uma rajada do temporal da véspera parece ter-se introduzido no campeonato de futebol, para baralhar os jogos da Primeira Divisão. Sairam da muralha um ou dois—a vitória do Benfica, embora por números exagerados, e o bom resultado dos Belenenses, fora, também exagerado. Depois—foi tudo surpresas.

A cabeça a derrota ruidosa do Sporting, em vésperas de jogo da «Taça dos Vencedores das Taças» baqueando por um «score» escandaloso diante de uma das turmas esta temporada mais fracas. E logo as derrotas do Futebol Clube do Porto, à espera de Otto Glória, e do Vitória de Guimarães, o «maior dos pequenos». E o empate sofrido pelo Lusitano.

E a primeira derrota ruidosa do Olhanense no Algarve.

Foi—devido ou não ao temporal da véspera—a jornada das surpresas.

Os resultados foram os seguintes:

Benfica, 3-Académica, 0
CUF, 4 - Sporting, 0, Varzim, 1 - Belenenses, 3, Setúbal, 2-Porto, 1, Olhanense, 1-Barreirense, 4, Lusitano, 1 - Seixal, 1 e Leixões, 1-Guimarães, 0.

A classificação actual é a seguinte:

BENFICA 8, Belenenses 7, Setúbal 6, Guimarães 5, Futebol Clube do Porto 5, Sporting 5, Leixões 5, Académica 4, CUF 3, Seixal 3, Varzim 2, Barreirense 2, Lusitano 1 e Olbanense 0.

Na próxima jornada, a quinta, do Campeonato Nacional de Futebol da primeira divisão, a disputar no dia 17, realizam-se os seguintes encontros: Lusitano-CUF, Sporting-Leixões, Guimarães - Varzim, Belenenses - Setúbal, Porto-Olhanense, Barreirense-Benfica e Seixal - Académica.

Prossegue o campeonato regional de Futebol em reservas

Sem surpresas, realizaram-se os jogos relativos à primeira jornada da segunda volta do campeonato regional de futebol de reservas.

Registaram-se os seguintes resultados:

Benfica-Alhandra, 6-0, Oriental-Belenenses, 0-4, Sacavenense-Sporting, 0-4 e Torriense-Atlético, 1-0.

A classificação depois destes jogos, é a seguinte:

SPORTING 24, Benfica 21, Belenenses 19, Atlético 15, Torriense 14, Oriental 13, Sacavenense 13 e Alhandra 9.

NA SEGUNDA DIVISÃO

BRAGA e PENICHE mantém-se à frente das respectivas zonas

Dos clubes que estão a disputar o Campeonato Nacional da Segunda Divisão, só o Peniche continua invicto, embora já tenha cedido um ponto em Beja.

Os resultados estabelecidos foram os seguintes:

ZONA NORTE: Braga 2-Oliveirense 0, Famalicão 1-Feirense 2, Salgueiros 2-Marinense 1, Covilhã 3-Leça 0, Espinho 1 Vildemoinhos 0, Beira-Mar 4-Boavista 1 e Sanjoanense 1-Vianense 0.

ZONA SUL: Atlético 0-Leões 1, Oriental 2-Beja 1, Peniche 4-Alhandra 2, Cova da Piedade 2-Torriense 0, Luso 4-Sacavenense 1, Montijo 1-Lusitano de Vila Real 0 e Portimonense 0-Farense 1.

As classificações são as seguintes:

ZONA NORTE

BRAGA 8
Marinhense 6

ZONA SUL: Atlético 7
 Os Leões 6
 Farense 6
 Montijo 5
 Oriental 4
 Luso 4
 Beja 4
 Torriense 4
 Sacavenense 3
 Cova da Piedade 3
 Atlético 2
 Portimonense 2
 Alhandra 2
 Lusitano de Vila Real 2

Várias Notícias

Torneio de Abertura de Hoquei em Campo

No Campo Francisco Lázaro e no estádio do Restelo disputaram-se os jogos correspondentes à segunda jornada do torneio de abertura de hoquei em campo, nas quais se apuraram os seguintes resultados: Série A: Futebol Benfica-Atlético 1-0, Belenenses Benfica 0-0. Série B: Futebol Benfica-Atlético 1-0, Belenenses Benfica 0-0.

Raide hípico da feira de Golegã

Santos Silva venceu o raide hípico da Feira de Golegã.

Os concorrentes, apenas 6, devido ao mau tempo cobriram o percurso, de 100 quilómetros, entre Benavente, Coruche e a Golegã, em cerca de 4 horas e meia.

O Lusitânia de Angra de Heroísmo venceu a «Taça Preparação» em Futebol

O Lusitânia conquistou sem derrotas o primeiro troféu da temporada de futebol: a «Taça Preparação».

Nos dois jogos, disputados, os resultados foram: Lusitânia-Angrense 5-4 e União-Juventude 4-0.

O nadador Eduardo de Sousa quer ir para Moçambique

O nadador metropolitano Eduardo de Sousa, recordista nacional de várias provas, escreveu ao Desportivo de Lourenço Marques, solicitando autorização para representar este clube na próxima época e manifestando o seu desejo de treinar com vista aos Jogos Olímpicos de Tóquio.